



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

EDUCAÇÃO DO CAMPO NA SOCIEDADE ATUAL EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BAHIA

Renata Santos Soares
(UESB)

Glauber Barros Alves Costa
(UESB)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a Educação do Campo na sociedade atual, em especial na cidade de Vitória da Conquista- Bahia no intuito de analisar se esta educação é diferenciada e se atende aos anseios dos povos camponeses. A pesquisa é desenvolvida a partir de estudo exploratório, com entrevistas feitas com professores da educação do campo de Vitória da Conquista para investigar suas concepções de Educação do Campo. Assim o intuito deste artigo é analisar como a educação é construída, e se ela se insere o aluno na construção do processo ensino- aprendizagem.

PALAVRAS- CHAVE:Educação do campo. Ensino. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A educação do campo deve ser uma prática coletiva e não uma prática individualizada deve ser pensada em parceria com professores, alunos e comunidade, pois, todos devem estar envolvidos no processo de construção da educação. Com isso uma educação que busque uma formação política deve despertar o interesse nos alunos que são a nova geração de camponeses do Brasil.

O campo possui a sua própria singularidade e como tal deve ser respeitado, mas o que se percebe é que ainda existe uma negação da educação ao camponês. Este trabalho é um ensaio sobre a educação do campo que é desenvolvida em

· Pós-graduanda em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Grupo de Pesquisa do CNPq "Espaço, Memória e Representações Sociais". E-mail: natasoaresmx@yahoo.com.br.
· Orientador. Professor do Instituto Federal da Bahia- IFBA. E-mail: glauberbarros@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Vitória da Conquista, se refere a um estudo exploratório onde foram feitas entrevistas com professores para compreender a educação que eles acreditam e a que eles transmitem aos seus alunos, feito também um estudo bibliográfico estudiosos da educação do campo entres eles Caldart (2009) Menezes Neto (2009) e Jesus (2010) dentre outros.

A Educação do campo deve pensar nos campesinos, centralizar a atenção para estes, com isso não falar apenas do local, inserir o global mas sem desconectar essas realidades. A sociedade muitas vezes ignora o saber do povo do campo, querendo passar a estes somente o que entendem por verdadeiro, assim desfavorece o ensino, pois este deve ser construído em parceria com os alunos.

Sendo objetivo do sistema capitalista manter o *status quo* de controle desse segmento da sociedade. Menezes Neto (2009) assevera que

[...] não é objetivo dos defensores do modelo agronegociante debater a educação como uma possibilidade de fixação dos moradores do campo [...], mas habilita-lo para a nova 'modernidade', ou, em outras palavras, prepará-lo para ser um trabalhador integrado e adequado as necessidades do agronegócio, pretendendo com isso, o aumento da produtividade e a maximização dos lucros. (p.28)

Não se tem um envolvimento com o camponês no intuito de conscientizá-lo, mas apenas de passar a este o que a sociedade dominante impõe, a educação é concebida como mercadoria e como tal é atenta ao mercado e não aos homens. Busca sim um trabalhador integrado, mas no sentido de ser integrado ao capital, para mover renda e por sua vez lucro, mas não para o homem do campo e sim para o agronegócio.

A educação numa perspectiva capitalista visa à formação do aluno camponês para a agroindústria, mantendo as relações precarizadas de trabalho no campo.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

É a materialidade da luta social que impulsiona uma formação diferenciada e não uma formação de educadores idealizada com base em uma compreensão burguesa de educação e de escola como meio de ascensão social. (JESUS, 2010, p.420)

A educação do campo deve ser pensada para atender ao campo, aos camponeses e não com o objetivo de atender a burguesia e suas necessidades, mas sim as reais necessidades do homem camponês.

A educação do campo deve se diferenciada, pois as relações neste contexto são diferentes das ocorridas na cidade e sobre isso Fernandes, Ceriole e Caldart (2009) falam que:

[...] A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz. (p.23)

Assim estes esclarecem que a educação, deve ser a mesma em todo lugar e no campo não deve ser diferente, mas que esta deve ser específica para essa realidade, diferenciada com o intuito de inserir estes indivíduos na própria educação, com o objetivo de fortalecê-los para que possam intervir na sociedade, com condições suficientes para que assim possam construir referências e agir na sociedade de forma efetiva.

Pensar numa escola do campo não é simplesmente ter a estrutura da escola nessa realidade, mas acima de tudo deve se ter uma educação diferenciada, nos dizeres da professora da educação do campo entrevistada quando perguntamos a esta como compreende a Educação do Campo esta nos diz que:

nós trabalhamos com a educação do campo para a cidade [...] Nós temos a escola no campo não uma escola do campo [...] estamos no campo ensinando uma educação da cidade, essa que é a verdade. [...] as escolas do campo estão sendo a escola no campo e não do campo. (PROFESSORA C, 2011)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Assim fica claro que a Educação do campo só está no papel, na prática ao menos nos dizeres desta não existe. Ao pensar numa educação para os povos do campo, devem se pensar na realidade destes como assim Antunes- Rocha e Martins (2009) vêm nos dizer:

Pensar em pedagogia da terra, primeira denominação dada ao projeto, ou em licenciatura em educação do campo, denominação que se adota nos últimos tempos, para, sobre e com os movimentos sociais, significa pensar sob outra lógica, quer seja a lógica da terra, a lógica do campo e, sobretudo, a dos sujeitos que ali vivem, constroem e definem seu *modus vivendi*. (p.17)

Quando se pensa em educação do campo, esta deve ser diferenciada da oferecida da cidade, deve ter outra estrutura, que seja condizente com a realidade destes povos e não somente uma estrutura de escola, mas realmente algo que possa fazer a diferença no contexto educacional do campo.

Quando feita mesma pergunta a professora (B) essa nos diz que:” Até hoje só está no papel [...] a SMED ainda não aplicou uma educação do campo como realmente deve ser feito, tudo que é feito, nosso material didático é o mesmo utilizado na zona urbana.” (2011)

A educação do campo só está na teoria como esta nos diz, assim podemos dizer que é ludibriosa na medida em que não aplica uma educação realmente verdadeira, ou seja, para estes bastam está no nome que já é educação do campo e isso não pode ser considerado como ideal, pois desta forma nunca irá satisfazer os construtores do conhecimento que são tanto professores, como alunos e a comunidade em geral.

Assim ao analisar estas entrevistas percebemos que a Educação do campo só se faz verdadeira no papel, na teoria, pois na prática a realidade é completamente diferente, deixando muito a desejar.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

[...], A educação do campo pode ser um espaço aberto a criatividade, não sendo apenas um projeto idealista desvinculado da práxis real e nem uma preparação para o mercado de trabalho, incorporando princípios de um projeto educativo não capitalista. (MENEZES NETO, 2009, p.33)

A educação do campo deve ser um espaço aberto ao povo, que promova a criatividade de seus alunos, que este não seja desvinculado da realidade e também que não seja apenas educação para o trabalho, mas sim um modelo de educação que pense na pessoa, na sua formação, que pense na formação profissional deste sim, mas antes de se pensar assim que pense na formação do indivíduo como um todo e não tendo como único objetivo a formação para atender as indústrias.

Ao se construir uma escola seja ela no campo ou não, não deve ser pensada para atender uma determinada prática trabalhista que se precise naquele lugar, mas pensar na formação do indivíduo, uma formação não para o trabalho, mas para a própria vida, o agir em sociedade, o questionar, debater, permitir um olhar apurado, um olhar que verifique a realidade e perceba que ele também é um sujeito construtor desta sociedade e assim interfere, e como tal possui contribuições que são significativas e que não podem ficar esquecidas, guardadas em seus imaginários, mas que devem ser levadas a todos, contribuindo para um novo pensar da sociedade.

Um ensino crítico deve ser buscado e para o campo isso se faz de forma imprescindível, pois lá se percebe relações de contradição muito intensas o que se faz importante ensinar essa visão que tem muito a oferecer, para se pensar essa realidade. A aprendizagem deste modo não é só chamada a fazer uma abordagem crítica, mas sim convocada para que possa contribuir efetivamente para o crescimento intelectual dos indivíduos. Dessa forma, formar professores capazes de intervir nessa realidade se faz primordial.

O processo de formação de professores visa, nessa perspectiva, ao desenvolvimento de uma competência crítico-reflexiva, que lhes forneça meios de pensamento autônomo, que facilite as dinâmicas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de autoformação, que permita a articulação teoria e prática do ensino. (CAVALCANTI, 2002, p.21)

O professor deve ter um processo de formação que seja crítico e reflexivo e que por sua vez faça a articulação teoria e prática, pois se faz necessário transferir os conhecimentos aprendidos no cotidiano com aqueles científicos para que o entendimento seja mais preciso.

A formação de professores, ou como alguns autores preferem definir como educação de professores, tem sido um dos muitos desafios da educação na contemporaneidade. A formação é a base para todo o processo educativo, as concepções e práticas que ela promove com os futuros professores serão refletidas na educação básica como uma aprendizagem significativa ou um modelo tradicional de ensinar e aprender; dependendo da formação que o professor teve ou de como ele constrói sua prática a partir desse processo a educação básica será o ponto final, ou seja, o espaço onde todo esse processo se concretiza. (COSTA, 2010, p.2)

O professor precisa ter uma boa formação, pois as suas ações serão sentidas no decorrer do aprendizado, será sentido nas series iniciais e se perpetuar por toda a trajetória do conhecimento, e sendo assim a formação do professor deve ser construída sobre uma base sólida, com fundamentos e que verdadeiramente capacite os professores que são os formadores de opinião da nossa sociedade.

O professor precisa está formado para dar conta do aprendizado e por isso se faz de extrema importância que ele tenha uma consciência política, para que possa dialogar de uma melhor forma com o campo, com os seus movimentos sociais, para que possam conhecer essa realidade com mais cuidado e atenção, o que se quer não é a aceitação dessas ideias, mas sim que este profissional conheça e compreenda melhor essa realidade.

No ensino o professor deve estar voltado para promover uma visão crítica e por sua vez reflexiva, que é uma superação do método tradicional ainda muito comum no cotidiano escolar. Desta forma o professor deve estar formado em uma



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

perspectiva crítica, uma visão política da realidade para que possa efetivamente construir e reconstruir o conhecimento com a participação dos alunos, e de todos aqueles envolvidos no processo da educação.

Costa (2010, p. 2) vai nos falar que:

O desafio atual para o professor [...] é compreender a importância do seu papel na sociedade capitalista, ele precisa de uma formação com nova práxis, em que ele possa desenvolver junto aos seus alunos uma educação crítica, reflexiva, emancipatória e cidadã.

O professor deste modo não pode ser o centro do saber, mas, sim assumir responsabilidade junto com os alunos, pois não é só ele o possuidor do saber, mas todos que estão inseridos no contexto escolar.

O professor necessita dialogar com os alunos descobrindo junto com os educandos o desconhecido, ou seja, ele deve promover o ensino numa perspectiva socioconstrutivista²⁸¹. O professor deve criar meios para que todos possam participar, para que possam crescer intelectualmente juntos, fazendo análises críticas e por sua vez também reflexivas, assim todos participam do processo da educação e não só o professor.

O ensino deve ser um processo utilizado a fim de emancipar os povos, os indivíduos, ou seja, ela não pode se dizer neutra, pois não é, esta querendo ou não acaba impondo, ensinado algo que não fica alheio mas sim é captado pelas pessoas.

O ensino não é neutro, ele sempre passa algo, a depender da visão do professor, do que este queira passar, e pode ser uma visão crítica em que queira educar, conscientizar, mas também pode servir estrategicamente para formar mais mão – de – obra para o mercado. Assim só existem essas duas vertentes uma que

²⁸¹ De qualquer forma a teoria sugere que é possível explorar mais profundamente o papel das interações com os outros, parceiros e tutores, na construção de ambientes de aprendizagem ricos. Indivíduos não aprendem apenas explorando o ambiente, mas também dialogando, recebendo instruções, vendo o que os outros fazem e ouvindo o que dizem (RISCHBIETER, 2007).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

conscientiza e outra que não emancipa, e serve apenas para atender as exigências e carências do capital.

O ensino para ser condizente, para que os alunos tenham interesse deve partir de sua realidade, de sua vida diária. “Um dos princípios fundamentais da proposta pedagógica do MST é o de que nas escolas dos assentamentos toda a aprendizagem e todo o ensino devem PARTIR DA REALIDADE²⁸².” (PARANÁ, 2005, p.51)

Assim, nos diz que o conhecimento só se faz verdadeiro quando é vivenciado, pois influencia e contagia os alunos a discutir, debater algo que eles vivem todos os dias.

Muito do que se ensina na cidade quer se impor no campo, ou seja, querem desarmar os movimentos sociais através de uma educação que deslegitima o homem do campo e suas lutas, como Brandão (2007) vai falar: “A educação do conquistador invade, com armas mais poderosas do que a espada, a vida e a cultura dos conquistados”(p.52).

A educação pode modificar visivelmente uma sociedade a depender de como é desenvolvida, desta forma o modo capitalista quer alienar²⁸³ os povos, e no campo não se faz diferente, quer moldar os povos do campo de acordo com suas necessidades de produção, querem dominar estes através de sua cultura, através da educação.

O processo educativo envolve não só professores e alunos, mas também toda uma comunidade que deve ser inserida, pois, todos são sujeitos pensantes e

²⁸² Grifos do autor

²⁸³ [...], a alienação desenvolve-se quando os indivíduos não conseguem discernir e reconhecer o conteúdo e o efeito da sua ação interventiva nas formas sociais. Assim, os processos alienantes podem ser entendidos como processos que envolvem, a partir das condições dadas pela vigência da apropriação privada do excedente econômico, múltiplas e complexas concretizações da atividade sócio-humana nas diferentes esferas da vida social. Nesse campo amplo de afirmações e desenvolvimentos, a alienação estende sua materialização sem cristalizar-se em relações objetuais, que são próprias da sua nova e determinada forma constitutiva a partir do fetichismo. Marx evolui de um conceito geral da alienação para uma concepção como fenômeno que deve ser recuperado em sua processualidade histórica, como produtos históricos particulares que necessitam ser investigados concretamente. (Maria Lúcia Duriguetto.2011)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

como tais, devem ser consultados, devem participar contribuindo de uma forma ainda mais significativa.

Se faz necessário a formação de professores qualificados para que possam atuar de uma forma mais efetiva, pois um bom professor não é aquele que só conhece o conteúdo, mas sim aquele que consegue dialogar com os conhecimentos já existentes, pois hoje mais do que nunca se faz imprescindível que se haja uma associação entre esses dois mundos, que não são tão distantes entre si mas que são sim duas formas de conhecimentos que vivem juntas e jamais separadas, que são o conhecimento científico e o conhecimento que os alunos trazem de sua realidade.

A formação política não é algo que é conquistado sem luta, assim como a educação do campo que precisa ser reivindicada. Se faz mais que urgente que se lute por uma formação que vise o ser humano, a humanização deste e não sua coisificação, que diga não a massificação das identidades de cada ser, que se forem pensadas neste processo não serão vistas com unicidade mas sim como um aglomerado de números, dessa forma é preciso que a educação seja a favor da luta por uma sociedade justa e igualitária.

A formação política é necessária, pois somente tendo uma percepção e logo uma concepção política o professor poderá agir na educação, no ensino-aprendizagem de uma melhor forma, mas quando se fala que o docente tem de ter uma concepção política, que este precisa está formado nessa temática para que possa atuar com mais eficácia, não se fala só e unicamente daquela política que conhecemos que é feita por políticos, deputados, senadores, presidentes, mas sim uma política própria da vida: que interrogue, que se mova, que reflita, que critique e lute, atentando para a formação política dos alunos e que estes possam ser vistos como seres com personalidades individuais, que formam opiniões. Desta forma estes devem ser pensados como sujeitos, como cidadãos que influenciam e podem influenciar muitos. Maar (1994) define política afirmando que:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A política surge com a própria história, com o dinamismo de uma realidade em constante transformação que continuamente se revela insuficiente e insatisfatória é que não é fruto do acaso, mas resulta da atividade dos próprios homens vivendo em sociedade. [...] (p.8)

Portanto ao pensar assim, fica claro que a política não é um ato puro e simplesmente feito por pessoas que trabalham com a ferramenta do estado, do poder, mas que é uma prática diária do homem, pois este é um ser social e como tal faz política no seu dia- a dia, uma pessoa em suas atividades diárias querendo ou não exerce a política, assim como o educador, o aluno a exerce. Então quando se fala em política é muito mais do que falar de partidos e sindicatos é falar da própria vida.

E Canivez (1991) vai falar ainda que: “No que se refere à participação ativa nos assuntos públicos, parece ponto pacífico que ela seja reservada aos profissionais da política.”(p.29). Assim ele nos diz que a política fica reservada apenas aqueles que a exerce profissionalmente sendo muitas vezes negada ao cidadão “comum” a sua participação, ficando estes a margem da política dos ditos profissionais, deste modo um educar político se faz imprescindível, pois se concordamos que a própria vida é um assunto político certamente que a participação deve ser concedida a todos e o professor tem muito a contribuir se este é claro for devidamente formado nesta área para que assim possa dar um respaldo que seja condizente do que a ele é pedido do que a ele se faz necessário.

Canivez (1991) ainda assevera que: “[...], o cidadão pode ter parte ativa agindo sobre os que governam, contribuindo principalmente para a formação da opinião pública. [...]” (p.31). Ai entra o professor, como este é um formador ele pode contribuir com a formação política dos indivíduos através da educação, do processo educativo.

A formação sempre se faz necessária seja ela política ou não, mas a cada dia podemos verificar que estamos vivenciando uma sociedade que separa. Sistema



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

que não prioriza o ser humano, a pessoa, que não respeita as diferenças de cada um, mas que banaliza os grupos que se fazem minoria para poder contestar um poder dominante que a todo instante quer dominar, insultar e rotular as pessoas, um exemplo é a dos próprios sem terra que se fazem minoria para poder lutar com mais precisão, que vão atrás de seus direitos e que por isso são rotulados pela mídia, que representa a própria elite, de baderneiros, de insolentes que ataca aquilo que pertence a um outro, assim que são taxados por uma sociedade que prioriza e marginaliza.

Atualmente, os professores são acusados de quase tudo. São culpados do fracasso da educação, da falência do sistema educacional, da não aprendizagem dos seus alunos, entre outros. No entanto, pouco se pergunta que profissional é este, o professor? Quais as condições em que se deu sua formação? Que oportunidades lhes tem sido oferecidas nos últimos tempos? Quais as suas reais condições de sobrevivência?(KULLOK, 2000, p.13)

Os professores muitas vezes são culpados por um sistema que estes são também vítimas, mas como Kullokk (2000) nos diz não se questiona a formação destes professores, como foi passado o conhecimento a estes, transmitido e em quais condições foi transmitido os ensinamentos que estes receberam.

Culpam-se estes, pois é mais fácil, mais fácil culpar os inocentes do que quem é realmente culpado e nesse esquema todo, de se culpar os professores aqueles que são culpados do fracasso do sistema escolar está como está, (com déficits muito visíveis, seja na própria estrutura da escola seja na organização desta). São livrados da culpa, são livrados de suas faltas que são gravíssimas.

A organização da escola, do sistema educacional está a cada dia mais fracassada, professores mal remunerados, insatisfeitos com a sua realidade, alunos que vão à escola não mais em busca de conhecimento, mas principalmente do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

alimento, e de seus colegas, a busca pela escola é com objetivo de rever colegas, e não mais de receber instrução, de receber o alimento da alma, alimento intelectual.

Os professores vivem se queixando de salários baixos, das péssimas condições de trabalho, fazem manifestações, paralisações, greves e são duramente questionados por estes atos. A mídia muitas vezes critica fazendo com que a população critique também os professores, levando á estes apenas um lado da versão, ou seja, para a mídia interessa o poder, e este os professores não possuem então fazem toda uma campanha que muitas vezes se faz contra o professorado, insultando estes e até os taxando de baderneiros fazendo a população questioná-los. Ao passar somente um lado da historia, os professores se fazem culpados, pois se estão em greve estão prejudicando uma série de alunos que necessitam da escola, e suas famílias acabam protestando, acabam atacando o movimento destes professores que buscam não somente melhorias para si, mas também para seus alunos que como a mídia mesmo assegura, serão o futuro da humanidade.

CONCLUSÕES

A Educação do campo deve fomentar a diversidade, deve olhar para o homem do campo no intuito de o conscientiza-lo, de mostrar a este o global, mas jamais esquecer de mostrar que o que produzem em seu dia-a-dia também é conhecimento e que este precisa ser teorizado pois é muito importante para a vida.

O professor necessita de uma formação para atuar neste segmento, pois só assim poderá atuar de uma forma mais efetiva junto aos camponeses, ensinando e aprendendo juntos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERENCIAS

- ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. MARTINS, Aracy Alves. Formar docentes para a educação do campo: Desafios para os movimentos sociais e para a Universidade. In: ROCHA, Maria Isabel Antunes. MARTINS, Aracy Alves.(org.) **Educação do campo**: desafios para a formação de professores. Autêntica. Belo Horizonte. 2009.
- BRANDÃO, C.R. **O que é educação**, São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CANIVEZ, Patrice. **Educar o Cidadão?**/ tradução estrela dos Santos Abreu, Cláudio Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e praticas de ensino**. Goiânia. Alternativa. 2002.
- COSTA, Glauber B.A. Costa. Um estudo sobre a relação teoria e pratica na formação do professor de geografia. **Anais do IV colóquio Internacional Educação e contemporaneidade**, São Cristovão: Setembro de 2010.
- DURIGUETTO, Maria Lúcia. A temática da alienação: origens e particularidades. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/marialucia.htm>. Acesso em 19 de maio de 2011.
- FERNANDES, Bernardo M. CERIOLI, Paulo R. CALDART, Roseli S. Primeira Conferencia Nacional "por uma educação básica do campo" texto Preparatório In: ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete. MOLINA, Mônica Castagna(organizadores). **Por uma Educação do Campo**. 4 edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- JESUS, Sonia Meire de. A formação de educadores do campo e o compromisso com a emancipação da classe trabalhadora. In: SOARES, L. **Convergências e tensões no campo formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **As exigências da formação do professor na atualidade**/ Maceio: EDUFAL, 2000. 56p.
- MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. 16 edição. São Paulo. Editora brasiliense. 1994.
- MENEZES NETO, A.J. Formação de professores para a educação do campo: projetos sociais em disputa. In: MARTINS, A.A, ANTUNES- ROCHA, M.I. **Educação do campo**: Desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.
- PARANÁ, Secretaria do Estado da Educação do. **Dossiê MST Escola**: documentos e estudos 1990-2001. Produção Iterra. Organização-setor de educação do MST. 1 edição. Agosto de 2005.
- PIMENTA, Selma Garrido. Professor Reflexivo construindo uma critica. In: RISCHBIETER, Luca. **Socioconstrutivismo** Última. 27 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/glossariopedagogico/verbete.asp?idPubWiki=9593>. Acesso em 19 de maio de 2011.